



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

# CLIPPING

CLIPPING ELETRÔNICO  
<http://www.sed.rct-sc.br/clipping>

Recortes de notícias sobre educação

## ENSINO BÁSICO MELHORA NO BRASIL, MAS SEGUE LONGE DE PADRÃO INTERNACIONAL

Senhores Diretores, Gerentes e Assessores,

Comuniquem à Assessoria de Comunicação, com a devida antecedência, projetos, eventos e ações que mereçam divulgação pública.

Leiam as notícias da Secretaria de Estado da Educação, acessando ao site [www.sed.sc.gov.br](http://www.sed.sc.gov.br)

e clicando em **IMPrensa**

Acompanhem também o site do governo: [www.sc.gov.br](http://www.sc.gov.br)

**Data: 02,03,04,05/07/2010**



CLIPPING

Veículo: O Estado de São Paulo

Editoria: Vida

Data: 02/07/10

Assunto: Ensino básico melhora no Brasil, mas segue longe de padrão internacional

Página: A18

# Ensino básico melhora no Brasil, mas segue longe de padrão internacional

## EVOLUÇÃO

A segunda edição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgada ontem, mostra que a qualidade do ensino no Brasil melhorou, mas está longe da que é encontrada em países desenvolvidos. Na escala de 1 a 10, alunos do ensino médio alcançaram 3,6 – 0,1 a mais do que na edição anterior, de 2007. Alunos dos anos iniciais e de anos finais tiveram desempenho melhor: 4,6 e 4,0.

Embora pareçam pouco expressivos, os índices estão acima da meta estabelecida para o período pelo Ministério da Educação. “Não esperávamos esse resultado, não esperávamos um resultado forte assim logo de cara”, afirmou o ministro da Educação, Fernando Haddad, ao apresentar os indicadores.

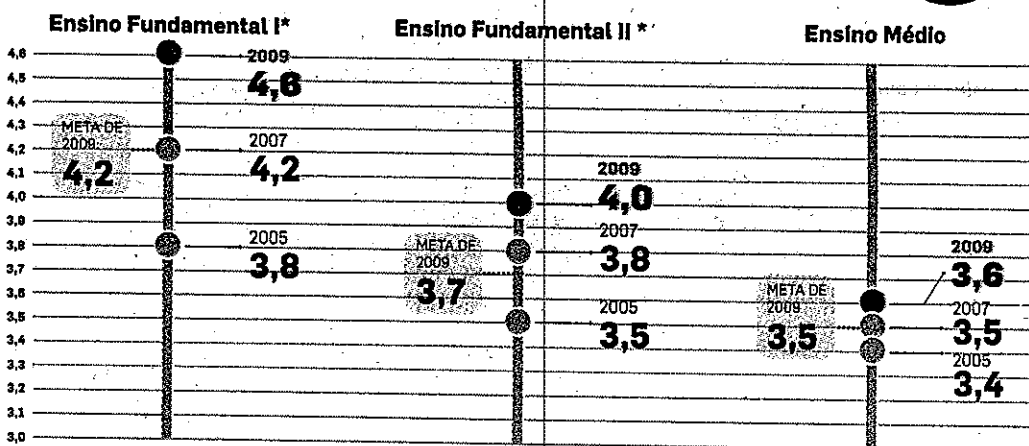
Criado em 2007, o Ideb é calculado a cada dois anos a partir do cruzamento de dados de aprovação e evasão escolar com avaliações feitas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A série histórica dos indicadores começa antes, em 2005.

A partir dos índices encontrados em cada biênio, o governo traça metas para os dois anos seguintes. O objetivo é chegar em 2021 com Ideb igual a 6 – patamar educacional na média dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

“Estamos distantes da nossa meta para 2021 ainda, mas temos uma esperança renovada de que vamos atingi-la”, afirmou Haddad. Para ele, o fato de o desempenho do ensino médio estar praticamente estagnado não surpreende. “Segue absolutamente a trajetória prevista pelo Inep”, disse. Ele argumentou que o País vivia até 2001 um período de “recessão da educa-

ção”, com queda de desempenho na área. “Desde o início, a expectativa era ter uma melhora mais acentuada de desempenho nos primeiros anos de ensino”, disse. Mas a tendência, completo, é que com passar do tempo, o ritmo de melhora nos anos iniciais tenha uma queda e das turmas mais avançadas, ganhe velocidade. “Funciona como um sistema de onda”, disse.

Alunos dos anos iniciais alcançaram Ideb 4,6 – 0,8 a mais do que em 2005 e 0,4 a mais do que



\*Para o ensino fundamental de 8 anos, o primeiro ciclo vai da 1ª à 4ª série e o segundo, da 5ª à 8ª. Para o ensino fundamental de 9 anos, o primeiro ciclo vai do 1º ao 5º ano, e o segundo, do 6º ao 9º.

FONTE: INEP

INFOGRÁFICO/AE

ção”, com queda de desempenho na área. “Desde o início, a expectativa era ter uma melhora mais acentuada de desempenho nos primeiros anos de ensino”, disse. Mas a tendência, completo, é que com passar do tempo, o ritmo de melhora nos anos iniciais tenha uma queda e das turmas mais avançadas, ganhe velocidade. “Funciona como um sistema de onda”, disse.

Alunos dos anos iniciais alcançaram Ideb 4,6 – 0,8 a mais do que em 2005 e 0,4 a mais do que

em 2007. A meta esperada era de 4,2. Nos anos finais, obtiveram índice 4 – 0,2 ponto a mais do que em 2007 e 0,5 a mais do que em 2005. A meta era de 3,7. Já no ensino médio, alunos tiveram nota 3,6 – 0,1 a mais do que a meta.

O ministro afirmou que, se o ritmo de crescimento for mantido, a média 6 para todo o País poderia ser antecipada. Mas ele preferiu não arriscar nenhuma previsão. “Vamos aguardar o próxima edição”, disse.

Ele observou, porém, que me-

tas pontuais, para escolas ou municípios, poderiam ser revistas em um curto espaço de tempo. “Vamos deixar como sugestão para outro governo.”

O presidente do Inep, Joaquim José Soares Neto, afirmou que a melhora dos indicadores pode ser atribuída a um avanço em todas as áreas, não só do desempenho das avaliações do Inep como do rendimento escolar. “Houve uma melhora das taxas de aprovação, uma redução da evasão escolar, além de um desempenho superior nas avaliações do Inep. Um resultado que muito nos agradou.”

## PARA ENTENDER

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, calculado a cada dois anos, é composto por dois fatores que interferem na qualidade de ensino:

### 1. Rendimento

É o fluxo dos alunos, ou seja, a taxa de aprovação de um ano para o outro nas escolas. Re-

provações e abandono diminuem o rendimento.

### 2. Desempenho

É a média das notas dos alunos nas avaliações nacionais. Estudantes da 4.ª e 8.ª séries fazem a Prova Brasil; o Saeb é aplicado por amostragem para o 3.º ano do ensino médio.

**Responsabilidade.** Apesar do clima de comemoração do governo, o especialista em políticas educacionais Ocimar Munhoz lembra que as primeiras séries do fundamental são de responsabilidade sobretudo das redes municipais e as séries finais, dos municípios e Estados. “O interessante é que o ministério praticamente não tem escolas, mas responde pela educação do País.”



CLIPPING

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Geral	<b>Data:</b> 02/07/10
<b>Assunto:</b> Educação no Brasil melhorou		<b>Página:</b> 24

**Educação no Brasil melhorou**

**Houve aumento no índice de aprovação e no desempenho em português e matemática**

A qualidade da educação no Brasil melhorou nos últimos dois anos, principalmente no ensino fundamental. No nível médio, no entanto, o avanço continua tímido. É o que mostra o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgado ontem pelo Ministério da Educação

O indicador (que vai de zero a 10) é calculado a partir da taxa de aprovação dos alunos brasileiros e do desempenho deles em português e matemática. O índice é aferido a cada dois anos, e há metas estabelecidas para cada período. A meta prevista para as séries iniciais do ensino fundamental em 2009 era 4,2, resultado que já foi atingido em 2007. A nota 4,6, alcançada no ano passado, era a meta prevista para 2011.

O Ideb atribui uma nota para cada escola, assim como para as redes municipais e estaduais, que precisam cumprir metas bienais para melhorar a qualidade do ensino.

O ministério também atribui um Ideb para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio (veja quadro abaixo)

No ensino médio, o crescimento foi menor que a média, mas atingiu a meta prevista para o período, que era de 3,5 pontos. Na próxima semana, o MEC vai divulgar o Ideb dos estados, municípios e escolas.

O ministro Fernando Haddad afirmou que o ritmo mais lento no ensino médio se deve ao fato de que os alunos que estão nessa etapa atualmente ingressaram na escola quando a qualidade era pior.

A meta do país é, em 2022, chegar às notas 6 para a 4ª série, 5,5 para a 8ª e 5,2 para o ensino médio

Com isso, de acordo com o Ministério da Educação, o Brasil chegaria a patamar semelhante ao dos países mais desenvolvidos do mundo.

O ministro da Educação, Fernando Haddad, disse ontem que as metas do Ideb poderão ser revistas a partir da próxima avaliação, já que os objetivos têm sido antecipados nas duas últimas edições do índice.

– Entendo que um grupo de pesquisadores possa começar a avaliar a necessidade e a oportunidade de fazer isso agora – disse.

Para ele, apesar de estar longe das metas, o país está no caminho certo

– Temos condição de, em 2021, ter uma educação na qual a média de proficiência das crianças equivalerá à das crianças dos países mais desenvolvidos do mundo – garantiu.



CLIPPING

**Veículo:** Jornal de Santa Catarina

**Editoria:** Editorial

**Data:** 5/07/2010

**Assunto:** Formação deficitária

**Página:** 2

**OPINIÃO DA RBS**  
**Formação deficitária**

Mesmo acima das metas definidas pelo Ministério da Educação, as conclusões da segunda edição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica revelam que o país vem avançando no Ensino Fundamental, mas estagnou no nível médio. E, em ambos os casos, os resultados seguem distantes dos padrões internacionais. Por isso, precisam ser devidamente avaliados pelo poder público e enfrentados a partir de suas causas, para evitar prejuízos ainda maiores para o país. Além de contribuir para um distanciamento maior nas duas etapas do ensino básico, um avanço mais discreto no nível médio tem implicações na formação dos brasileiros.

A avaliação demonstra que, depois de ter universalizado o acesso ao Ensino Fundamental, levando praticamente todas as crianças em idade escolar para a sala de aula, o país já vem conseguindo acelerar o aumento da qualidade nesta etapa. Nas séries iniciais, isso significa problemas no domínio de habilidades como, por exemplo, o reconhecimento de diferenças no tratamento dado ao mesmo tema em textos distintos. Já nos últimos anos, persistem problemas, por exemplo, para cálculos envolvendo soma e subtração com o uso de parênteses e colchetes ou até mesmo para identificar a intenção do autor de uma história em quadrinhos. Ao mesmo tempo, os resultados referentes ao Ensino Médio demonstram dificuldades ainda maiores diante de desafios como o de diferenciar a parte principal das secundárias em um texto informativo. .

O Brasil precisa de mão de obra qualificada para fazer sua economia avançar, o que implica antes de mais nada um desempenho do ensino básico superior ao verificado agora.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Editoriais	<b>Data:</b> 05/07/10
<b>Assunto:</b> Formação Deficitária		<b>Página:</b> 10

**FORMAÇÃO DEFICITÁRIA**

Mesmo acima das metas definidas pelo Ministério da Educação (MEC), as conclusões da segunda edição do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) revelam que o país vem avançando no Ensino Fundamental, mas estagnou no nível médio. E, em ambos os casos, os resultados seguem muito distantes dos padrões internacionais. Por isso, precisam ser devidamente avaliados pelo poder público e enfrentados a partir de suas causas, para evitar prejuízos ainda maiores para o país. Além de contribuir para um distanciamento maior nas duas etapas do ensino básico, um avanço mais discreto no nível médio tem implicações importantes na formação dos brasileiros de maneira geral e na própria atividade econômica. São motivos consistentes para que o MEC se disponha a enfrentar de imediato essas diferenças.

A avaliação demonstra que, depois de ter universalizado o acesso ao Ensino Fundamental, levando praticamente todas as crianças em idade escolar para a sala de aula, o país já vem conseguindo acelerar o aumento da qualidade nesta etapa. Nas séries iniciais, isso significa problemas no domínio de habilidades como, por exemplo, o reconhecimento de diferenças no tratamento dado ao mesmo tema em textos distintos. Já nos últimos anos, persistem problemas, por exemplo, para cálculos envolvendo soma e subtração com o uso de parênteses e colchetes ou até mesmo para identificar a intenção do autor de uma história em quadrinhos. Ao mesmo tempo, os resultados referentes ao Ensino Médio demonstram dificuldades ainda maiores diante de desafios como o de diferenciar a parte principal das secundárias em um texto informativo. É difícil imaginar que alunos com falhas desta ordem possam se dar bem no mercado profissional e contribuir para enriquecê-lo.

O Brasil precisa de mão de obra qualificada para fazer sua economia avançar, o que implica antes de mais nada um desempenho do ensino básico superior ao verificado agora. Deficiências no aprendizado nos níveis registrados na segunda pesquisa do Ideb têm reflexos diretos na produtividade e nas chances reais de competição, fazendo com que o Brasil fique em desvantagem em relação a outros países nos quais o ensino é mais forte.

Os resultados, mesmo superando os objetivos oficiais, são frustrantes e preocupam, devendo ser analisados a partir de suas causas reais. A particularidade de os avanços ficarem mais difíceis nas séries nas quais o aprendizado fica mais complexo reforça a necessidade de mais treinamento e melhor remuneração para os professores. Ao mesmo tempo, é preciso que o poder público possa conter os elevados níveis de evasão no Ensino Médio, com a aprovação de medidas que estimulem a presença dos alunos por mais tempo em sala de aula.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 04/07/10
<b>Assunto:</b> Escola tem de parecer boa aos olhos do aluno		<b>Página:</b> A26

**Escola tem de parecer boa aos olhos do aluno**

Marcelo Cortes Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da FGV-RJ

Na quinta-feira, o Ministério da Educação (MEC) divulgou o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que mede a qualidade do ensino fundamental e médio do Brasil a cada dois anos. Em escala de 1 a 10, o Ideb revelou crescimento pífio do ensino médio, que recebeu nota 3,6 - 0,1 a mais que na edição anterior, de 2007. Os estudantes dos anos iniciais e finais do fundamental receberam, respectivamente, 4,6 e 4,0.

Para o especialista em economia da educação Marcelo Côrtes Neri, diretor do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas do Rio (FGV-RJ), falta foco a essa etapa da educação. Segundo ele, a resposta está no ensino profissionalizante - Neri coordenou, para o Instituto Votorantim, a pesquisa A Educação Profissional e Você no Mercado de Trabalho, divulgada no início do ano.

Reportagem do Estado na edição de ontem mostrou que "não querer comparecer" às aulas foi o segundo principal motivo de ausências entre os estudantes do ensino médio.

O Estado conversou com o especialista sobre as possíveis razões para o Ideb do ensino médio não avançar no mesmo ritmo que os anos iniciais e finais do ensino fundamental.

**Por que o ensino médio não atrai os alunos?**

O principal problema é a falta de interesse. Seja para justificar os índices de evasão ou os motivos que os estudantes usam para explicar suas faltas.

**Mas por que isso ocorre?**

É uma questão, como sempre, de políticas públicas. Costuma-se pensar que boa educação é ter a melhor escola possível, com o melhor prédio, a melhor infraestrutura e os melhores professores e funcionários trabalhando. Mas não é só isso. Temos de pensar também no problema da oferta de vagas. E, isso resolvido, temos de criar demanda para essa oferta.

**Como assim?**

Para um estudante de 15 anos realmente querer estar dentro de uma escola, ela tem de parecer boa aos olhos dele e aos olhos de quem lá estuda. A falta de interesse não está ligada somente à questão financeira, de falta de investimento ou do estudante mais pobre não ter dinheiro para ir e vir da escola todos os dias. É um problema intrínseco ao ensino médio brasileiro. Já está enraizado.

**Mas como podemos motivar essa demanda a se interessar pela escola?**

Existe um paradoxo econômico dentro de tudo isso. Pesquisas comprovam que quem conclui o ensino fundamental tem 68% de chance de ser empregado com uma média de salário de R\$ 700. Para quem finaliza o ensino médio, essa empregabilidade pula para 78%, com renda de



R\$1,6 mil. No entanto, o jovem parece não enxergar isso. Ele não vê essa ligação com o mercado de trabalho, não vê isso como motivação. Isso se deve, em grande parte, ao caráter generalista do ensino médio, que tenta fazer e ensinar muita coisa, mas não consegue.

### **Por quê?**

Porque o estudante não vê a coerência que estudar física e química pode ter em sua vida. Ele não compreende o que esse conteúdo pode trazer em termos práticos. Além disso, o tempo de permanência na escola é muito curto. Uma jornada diária de quatro horas é pouco. Ele aprende pouco e não tem o interesse pelo conhecimento motivado.

### **Qual solução você enxerga para esse quadro?**

O ensino profissionalizante é um bom caminho. Mas também não serve para todos. Uma mudança do conteúdo que é dado no ensino médio também seria bom. No caso da educação profissional, o primeiro passo é mudar a visão que as pessoas têm dela, de que é uma educação de segunda classe.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 03/07/10
<b>Assunto:</b> Melhoria de rendimento não anima especialista		<b>Página:</b> A20

**Melhoria de rendimento não anima especialistas**

O crescimento do rendimento escolar (fluxo dos alunos de uma série para outra) na composição da nota do Ideb do ensino médio é positivo, mas ainda não pode ser encarado como uma melhora na qualidade da educação. É o que afirmam especialistas ouvidos pelo Estado.

A decomposição da nota do Ideb mostra o quanto os dois fatores que formam o índice - o desempenho dos alunos em uma prova nacional e o fluxo (taxas de aprovação e de matrícula) - influenciaram no crescimento total. No caso do ensino médio, foi observado um crescimento do fluxo em relação ao desempenho: de 29,9% em 2007 para 42,1% em 2009. Já o desempenho era responsável por 70,1% do índice em 2007 e, em 2009, passou a valer 57,9% dele.

Ou seja: para o crescimento de 0,1 do índice total do ensino médio, que foi notado de 2007 para 2009, o fluxo dos alunos ganhou importância em relação às notas na Prova Brasil.

No caso dos anos iniciais do ensino fundamental, o peso do fluxo caiu de 40,8% em 2007 para 28,9% do total do Ideb de 2009. Sua participação na formação do índice para 2009 também diminuiu nos anos finais, de 46,3% para 36%. Em outras palavras, esses valores demonstram que o desempenho dos alunos do ensino fundamental, de uma forma geral, foi mais importante do que o fluxo para compor o Ideb.

Para Ocimar Munhoz Avalarse, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), a melhora no fluxo dos alunos deve-se à queda nos índices de evasão, que têm "despencado" em todas as etapas da educação - o que é positivo. Mas, segundo ele, no ensino médio, os dados do Ideb revelam mais um motivo de preocupação.

"Esse crescimento do índice ainda é pequeno, e melhorou em grande parte por causa do fluxo. Só que, sem melhora de aprendizagem, também não adianta melhorar o fluxo", afirma.

Segundo o especialista em educação e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Simon Schwartzman, a melhora do fluxo dos alunos do ensino médio deve ser vista de forma positiva.

"Quanto menos reprovação, melhor. Hoje todo mundo concorda que reprovar não é o melhor a se fazer. Essa é uma discussão ultrapassada. O jovem deve acompanhar o grupo de idade dele. Mas é claro que a melhora das notas ainda é não é suficiente."





**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 02/07/10
<b>Assunto:</b> Haddad promete 'patamar razoável' em uma década		<b>Página:</b> A19

**Haddad promete 'patamar razoável' em uma década**

Para o ministro da Educação, que fez críticas ao governo FHC, melhora do índice foi consistente nos último quatro anos

Embora o ensino público continue abaixo de um padrão de boa qualidade, o ministro da Educação, Fernando Haddad, comemorou os novos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), divulgados ontem. Segundo ele, o País pode chegar a um nível "razoável" em dez anos. "O Brasil fixou metas de qualidade, metas ambiciosas que nos colocam daqui a dez anos num patamar razoável na educação."

"Estamos cumprindo o previsto, distantes da nossa meta final, mas com uma trajetória consistente já pelo quarto ano consecutivo", continuou. Na avaliação do ministro, quando um país se propõe, como no caso do Brasil, a fixar metas de qualidade de educação, trata-se de "algo para celebrar". "Quando cumpre, melhor ainda, mas a distância que nos separa de um sistema educacional desenvolvido ainda requer as cautelas devidas."

Haddad alfinetou o governo Fernando Henrique Cardoso, comentando que em 2001 o País vivia uma "recessão educacional". "Vínhamos de um período de recessão educacional, de queda no desempenho, e o pior momento dessa queda se deu nos anos iniciais, em 2001." Naquele ano, disse, o País enfrentou o pior momento da proficiência nas áreas de matemática e língua portuguesa. "O fantasma da queda da qualidade que nos assombrou até o começo dos anos 2000 está ficando para trás."

O ministro observou que, nos anos iniciais do ensino fundamental, a média brasileira está 1,4 abaixo da verificada nos países ricos (6). Nos anos finais, a diferença seria de 2 pontos; no ensino médio, de 2,4 pontos.

Segundo Haddad, os próximos números do Ideb devem indicar melhoras significativas no ensino médio. "A força do início do processo é maior nos primeiros anos", disse. No ensino médio, o movimento seria o contrário: um começo modesto seguido por um crescimento causado pelo esforço da etapa anterior.

"O 0,8 dos anos iniciais (aumento do Ideb entre 2005 e 2009), oxalá se repita, mas a teoria pelo menos prevê que perde um pouco de ímpeto nos próximos quatro anos, mas em compensação ganha ímpeto o movimento de melhora nos anos finais e no ensino médio." Questionado se alguma região havia se destacado, respondeu que "quando o Brasil melhora, é porque a maioria dos entes federados melhorou."

**Metas podem ser revistas**

O ministro da Educação afirmou que há possibilidade da revisão das metas para escolas e redes municipais de ensino, para evitar a acomodação de escolas que já alcançaram níveis altos.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 02/07/10
<b>Assunto:</b> Não há docentes em número nem em qualidade no País		<b>Página:</b> A18

**Não há docentes em número nem em qualidade no País**

Os resultados do Ideb revelam um notável crescimento desse indicador para as séries iniciais do ensino fundamental. O aumento dos índices, de 2005 para 2009, tem sido contínuo, de 0,4 ponto a cada dois anos. Em 2009, o Ideb das séries iniciais do ensino fundamental foi de 4,6 pontos e a meta estipulada era de 4,2. Se o País continuar nesse nível de crescimento, alcançará antes de 2022 6 pontos- a meta nacional. Por outro lado, a cada novo degrau o esforço será maior.

Nas séries finais do fundamental e no médio não se verifica essa taxa. Isso preocupa, pois a boa onda de aprendizado nas séries iniciais sofre de desaceleração. Nas finais, o incremento no Ideb, de 2007 para 2009, foi de 0,2 ponto, atingindo 4 pontos - superior à meta (3,7). No ensino médio, o crescimento foi de 0,1, acompanhando o ritmo de 2005 para 2007 e alcançando 3,6 pontos.

Decompondo o Ideb em seus dois vetores, no fundamental se observa que o peso do desempenho escolar cresceu, com relação ao da aprovação- o que mostra que a aprendizagem está fortemente influenciando o indicador. Mas no médio o caminho foi inverso: o fluxo ganhou impacto no aumento do índice.

Nessa etapa ocorre uma diversificação da oferta de disciplinas, mas o País não tem docentes em número e em qualidade. Dos professores que hoje ensinam física e química, somente 25% e 38% foram formados nestas matérias. Portanto, o ensino médio se coloca como grande desafio para os próximos governadores. E cabe ainda esperar a divulgação completa dos dados, para verificar se esse crescimento no Ideb se deu de maneira homogênea pelos Estados ou se foi puxado por aqueles que tinham as médias mais baixas. Isso evidenciará se a qualidade da educação segue o rumo da equidade.

MOZART NEVES RAMOS É PRESIDENTE-EXECUTIVO DO TODOS PELA EDUCAÇÃO.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 02/07/10
<b>Assunto:</b> Alunos do fundamental não compreendem gráficos		<b>Página:</b> A19

**Alunos do fundamental não compreendem gráficos**

Apesar do avanço revelado, os indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) mostram que há ainda muito o que fazer para melhorar a formação dos alunos.

A média alcançada pelos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental em língua portuguesa na Prova Brasil e no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) foi de 184,3. Com esse índice, alunos não conseguem, por exemplo, identificar a finalidade de um texto informativo longo e mais complexo.

Em matemática, a média alcançada pelo grupo foi de 204,3. Com o indicador, alunos não estão ainda aptos a ler um gráfico de setores nem resolver uma questão que exige mais de uma operação ou aquelas envolvendo conversão de medidas, por exemplo, de quilos para gramas.

Entre alunos dos anos finais do ensino fundamental, a média de língua portuguesa foi de 244. Com esse índice, estudantes ainda não apresentam capacidade, por exemplo, para identificar finalidade de textos humorísticos ou inferir a informação a partir de textos mais longos.

Esses alunos alcançaram, em matemática, média 248,7. Com o indicador, eles não conseguem identificar posições dos lados de um quadrilátero ou reconhecer uma fração como parte de um todo sem o apoio de uma figura.

Entre alunos do ensino médio, a nota foi de 268,8 para língua portuguesa e 274,7 para matemática. Média que indica que alunos não conseguem, por exemplo, usar multiplicação e divisão em uma situação combinatória nem resolver problemas estimando medidas de grandezas. Também não estão aptos a diferenciar a parte principal das secundárias em um texto informativo.

Nota máxima. O presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Joaquim Neto, afirma que poucos alunos conseguem alcançar nota máxima. "Somente 1% chega lá", diz.

De acordo com ele, as pontuações mais altas no ensino médio chegam até cerca de 800 pontos. Entre anos iniciais, a pontuação máxima média é de cerca de 350 pontos. Mas, de acordo com ele, a ausência de pontuações máximas na avaliação é natural. "Pela forma com que as avaliações são feitas, não há nota máxima. A prova chega a avaliar as habilidades do aluno, até onde ele pode chegar."

**HABILIDADES**

**Com a média obtida nos anos iniciais, alunos não conseguem:**

Reconhecer diferenças no tratamento dado ao mesmo tema em textos distintos; Ler gráficos de setores; Resolver problemas envolvendo mais de uma operação.



M

**Com a média obtida nos anos finais, alunos não conseguem:**

Somar e subtrair usando parênteses e colchetes; Identificar a intenção do autor numa história em quadrinhos; Identificar as relações de causa e consequência implícitas no texto.

**Com a média obtida no ensino médio, alunos não conseguem:**

Reconhecer o efeito de sentido do uso de recursos ortográficos, como sufixo diminutivo; Resolver problemas de multiplicação e divisão, em situação combinatória, e de soma e subtração de números racionais.



CLIPPING

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 03/07/10
<b>Assunto:</b> Desinteresse dos alunos do ensino médio é 2º principal motivo de faltas		<b>Página:</b> online

**Desinteresse dos alunos do ensino médio é 2º principal motivo de faltas**

Pesquisa mostra que 21,5% dos estudantes que faltaram alegam não querer assistir à aula; Ideb confirma estagnação dessa etapa escolar

O ensino médio, etapa com a maior taxa de evasão, sofre também com um tipo informal de abandono: o desinteresse. O aluno se matricula, cursa, mas não presta atenção nas aulas, não estuda, não faz lição. Essa pode ser uma das causas do crescimento de apenas 0,1 na nota de 3,6 dessa etapa escolar do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) de 2009, divulgado na quinta-feira pelo MEC.

Um levantamento que mapeou formas alternativas de não participação na vida escolar mostra que "não querer comparecer" às aulas foi o segundo principal motivo de ausências entre os estudantes do ensino médio.

Entre os alunos que disseram ter faltado algum dia nos últimos dois meses, 21,5% alegaram que simplesmente não quiseram ir à escola. O desinteresse perdeu apenas para problemas de saúde, apontados por 41% como a razão das ausências.

A pesquisa Mapeando as Formas Alternativas de Não Participação cruzou dados do Censo Escolar e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) que pudessem refletir o desinteresse, como as faltas e o fato de fazer ou não a lição de casa.

Os resultados, porém, apontam somente alguns indícios da falta de interesse. "Identificar todas as formas alternativas de não participação exige dados muito específicos. O ideal seria estudos em sala de aula, que são muito caros", afirma Elaine Toldo Pazello, pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) e umas das responsáveis pelo levantamento.

A pesquisa revelou ainda que menos da metade dos estudantes do ensino médio (41,5%) faz sempre a lição de casa. O número representa uma queda de 17% em relação aos alunos do fundamental. "Um fator surpreendente foi ver que o trabalho ou problemas de dinheiro e transporte não têm um impacto significativo, ao contrário do que se esperava", diz Elaine.

No 2.º ano do ensino médio na rede estadual de São Paulo, Luís Henrique Leal, de 18 anos, diz que atualmente se empenha nos estudos, apesar de trabalhar até tarde como barman. "Repeti duas vezes e parei um ano", conta. "Antes, eu ia para a escola, mas não queria estudar. Agora estou com a cabeça melhor, tento evitar bagunça."

Segundo Leal, há vários colegas que não se importam realmente com os estudos. "Tem muito aluno que só pega a lição dos outros, que falta demais, que só vai para fazer bagunça e sair com a meninas", afirma. Mas o estudante diz também que falta interesse por parte de muitos professores.

Descompasso. Segundo pesquisadores da área de educação, o que mais repele os alunos é o conteúdo oferecido no ensino médio, que, na visão dos jovens, não tem relação com as



necessidades e interesses da faixa etária que vai, em média, dos 15 aos 17 anos. As disciplinas ensinadas são generalistas e, para os estudantes, parecem não ter impacto prático algum em suas vidas.

"Além disso, muitos chegam ao ensino médio sem saber o mínimo e não conseguem acompanhar. Ficam no meio do caminho e aprendem versões simplificadas dos conteúdos", afirma o especialista em educação e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Simon Schwartzman.

Para ele, a solução é "abrir o leque de opções" dos jovens, como a oferta de ensino técnico. "O aluno deveria escolher entre mais alternativas, de acordo com seu perfil. Se ele chegou aos 15 anos sem saber ler e somar direito, você vai continuar reprovando esse estudante?"

Para a especialista em ensino médio Wanda Engle, do Instituto Unibanco, um dos problemas do que chama de "crise de audiência" nessa etapa é a falta de sintonia entre o que é oferecido e as necessidades dos alunos. "Nas redes públicas, de cada dez alunos, cinco estudam à noite. Mas isso é desnecessário, porque de cada dez, só dois trabalham." Ela defende que o currículo seja flexibilizado e um vínculo mais forte entre educação e trabalho. "Cerca de 90% das nossas escolas têm como foco preparar para a universidade, mas apenas 13% dos jovens que terminam o ensino médio entram em uma faculdade."

Paradoxo. "É sabido que, quanto maior a escolaridade, maior a faixa salarial. Mas parece existir um paradoxo pela falta de percepção desses jovens, que não atentam para isso", diz o economista da educação Eduardo Andrade, do Insper, antigo Ibmecc.

De acordo com ele, quando o mercado está aquecido, o interesse pela educação nessa etapas do ensino pode até cair. A oferta de alguma renda imediata desestimula o estudante a comparecer às aulas. "O aluno vai faltar para fazer um "bico" ou um trabalho temporário, por exemplo. A dedicação aos estudos fica comprometida quando se tem outras opções em vista."



CLIPPING

**Veículo:** O Estado de São Paulo

**Editoria:** Espaço Aberto

**Data:** 02/07/10

**Assunto:** Doutores demais e profissionais de menos

**Página:** A2

**Doutores demais e profissionais de menos**

Está disponível interessante estudo realizado pelo Centro de Gestão de Estudos Estratégicos (CGEE) por encomenda do Ministério da Ciência e Tecnologia, Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. Trata-se de abrangente diagnóstico sobre o desempenho da pós-graduação do País nos últimos anos, com ênfase na formação de doutores. Por ele ficamos sabendo que o sistema nacional liderado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) teve um desempenho formidável nos últimos 15 anos, com destaque para o período 1996-2008, em que foram titulados 87 mil doutores, na taxa média de 12% de crescimento anual. Esses resultados têm sido muito comemorados pelo governo federal e pelas universidades e os autores do estudo refletem essa onda de otimismo. Afinal, nas suas palavras, doutores "são profissionais com capacidade para realizar pesquisa e desenvolvimento (P&D) original" e, por isso, defendem a tese de que para alcançarmos o padrão dos países desenvolvidos deveríamos multiplicar por pelo menos 4,5 vezes a sua proporção em relação à população total.

Mas nem tudo são flores nessa área e temos sérios problemas nas relações da pós-graduação com o mercado de trabalho do País. O estudo aponta com precisão o que muitos de nós intuíamos, isto é, que de cada dez doutores formados no período 1996-2006 e empregados em 2008, oito estão trabalhando em educação (principalmente nas universidades públicas), um na administração pública e um nas empresas privadas. Aí está o amargo reverso da moeda, em que virtudes podem tornar-se pecados. É evidente que implantamos um sistema eficiente para produzir doutores, mas ele tem o grave defeito de ser excessivamente acadêmico e autocentrado e, portanto, descolado do mercado de trabalho e da economia real do País.

Os dirigentes do Ministério da Educação (MEC) e da Capes podem argumentar, com razão, que o papel da agência criada para promover o "aperfeiçoamento de pessoal de ensino superior" tem sido cumprido. E as universidades (principalmente as públicas), com os seus atuais 2.718 programas de pós-graduação, apontarão para a comprovada correlação dessa atividade (e a atuação dos seus doutores) com o aumento da produção científica. Afinal, esses docentes pesquisam, publicam papers e ainda podem formar mestres e doutores, e por isso elas definiram essa titulação como pré-requisito para o ingresso de docentes em seus concursos públicos.

Há os que se preocupam com o futuro desse sistema e recomendam que na elaboração do próximo Plano Nacional de Pós-Graduação seja também contemplada a formação de recursos humanos para o mercado de trabalho "extra-acadêmico". Lembro, entretanto, que essa diretriz consta do atual plano quinquenal e que se avançou pouquíssimo nesse terreno. Indicador positivo seria o crescimento de 0,95% para 1,98%, no período, do número de doutores empregados na indústria de transformação. Mas sejamos razoáveis. Além de irrisório, esse desempenho é implacavelmente ofuscado por outro: o contingente de doutores na administração pública passou de 8.5% para 14%, reflexo da expansão do setor público nos últimos anos.

Mantidas as características desse sistema, é certo que teremos problemas para absorver as novas safras de jovens doutores que as universidades continuarão a produzir em ritmo



crescente. Como os seus maiores empregadores no País até o momento, as universidades federais tiveram enorme expansão no atual governo, em que dobraram a oferta de vagas em seus cursos de graduação e ampliaram muito as suas atividades de pós-graduação. Mas há sinais de esgotamento no ensino superior do País - como as sobras de vagas - e é certo que esse ritmo de expansão não será mantido, assim como o das despesas com pessoal na administração pública. Por outro lado, cerca de 40% dos recém-doutores formados nos dois últimos anos ainda não estão empregados e esse pode ser o sinal amarelo que nos alerta para esse início de reversão.

Resta o mercado de trabalho das empresas privadas, mas esse é um terreno pouco conhecido, praticamente inexplorado e por vezes hostilizado pelo universo acadêmico. Sobre o tema dos recursos humanos qualificados, sabemos, por exemplo, que os empresários se queixam muito de que o País carece de engenheiros. Outro indicador do comportamento das empresas é que mesmo em atividades de pesquisa tem sido escasso o seu interesse na contratação de doutores com perfil acadêmico e vocação para cientista e por isso estes são minoria mesmo em grandes centros de P&D, como o Cenpes da Petrobrás e o CTC da indústria sucroalcooleira.

Especialistas asseguram que hoje em dia grandes empresas preferem recrutar estagiários ou jovens recém-formados que, após rigorosa seleção e na condição de trainees, receberão formação e treinamento complementares. Ao lado da qualificação técnica dos novos profissionais, elas investem na transmissão de valores da cultura empresarial e, nos últimos tempos, dão grande ênfase à gestão de negócios para todo o universo dos seus recursos humanos. Daí por que tendem a valorizar mais certificados de MBA obtidos em instituições de renome nacional e internacional do que títulos acadêmicos como os de mestre e doutor.

Em suma, o próximo governo e as universidades têm um enorme desafio pela frente e é preciso que levem em conta os muitos sinais de mudanças no País e as novas demandas por educação superior. Afinal, vitoriosos na produção de doutores de alto nível, por que não aplicarmos essa receita de sucesso para formar os profissionais de que carece esse novo mercado de trabalho?

PROFESSOR TITULAR DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA USP, É AUTOR DE CINCO LIVROS E UM DOS IDEALIZADORES DO CENTRO DE BIOTECNOLOGIA DA AMAZÔNIA





**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> A Folha de SP	<b>Editoria:</b> Ciência	<b>Data:</b> 04/07/10
<b>Assunto:</b> Humanidades puxam expansão da pós-graduação no Brasil		<b>Página:</b> online

**Humanidades puxam expansão da pós-graduação no Brasil**

**RICARDO MIOTO**  
 DE SÃO PAULO

O doutorando brasileiro está cada vez mais interessado em Machado de Assis e menos em relatividade.

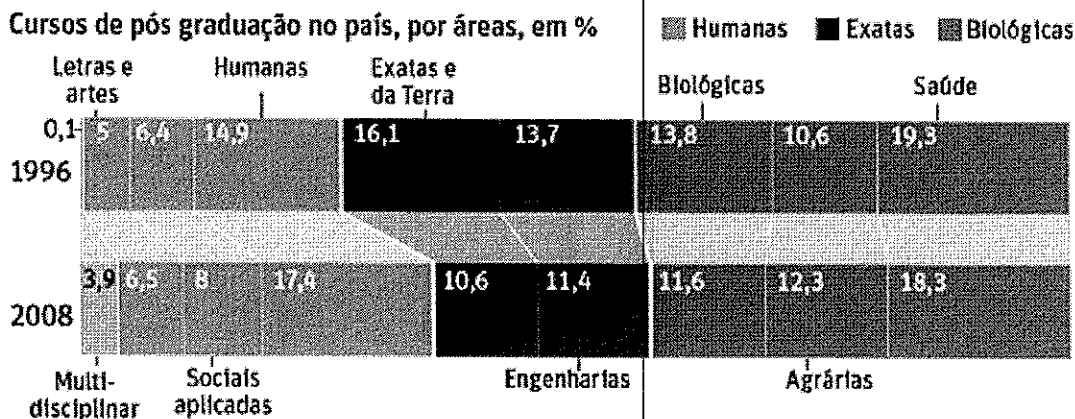
Ao menos é isso o que sugere um novo levantamento do governo. Ele mostra que a expansão da pós-graduação brasileira é puxada, em primeiro lugar, pelo aumento de doutores nas humanidades, e não nas ciências exatas e biológicas.

Em 1996, as ciências exatas e da Terra ocupavam o segundo lugar entre as áreas que mais formavam doutores no país, com 16,1%. Em 2008, caíram para o sexto lugar, com 10,6%.

O tombo das engenharias foi menor. A área se manteve como a quinta que mais forma doutores, mas a sua fatia caiu de 13,7% para 11,4%. Redução similar teve a área de ciências biológicas.

**MENOS EQUAÇÕES**

Entre 1996 e 2008, humanidades crescem mais que ciências na pos-graduação



"Se olharmos as áreas que cresceram menos, elas ainda cresceram muito", diz Eduardo Viotti, que coordenou o estudo,



realizado pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos,  
vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia.

"É difícil criar doutorados em áreas de ciências exatas, da Terra e engenharias. Eles exigem laboratórios, não são cursos que precisam apenas de cuspe e giz", brinca.

"O custo mais baixo estimula as escolas particulares a abrir cursos nessas áreas. Os novos dados não me surpreendem", diz o especialista em política científica Rogério Meneghini, coordenador de Pesquisas do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Opas-OMS).

Não foi só por causa das particulares que o número de doutores disparou, porém. Nesses 12 anos, as universidades federais aumentaram em mais de cinco vezes o seu número de doutores.

Em 2005, aliás, elas ultrapassaram as estaduais e se tornaram as instituições mais importantes na pós-graduação do Brasil.

Algumas estaduais, porém, como a USP e a Unicamp, ainda concentram grande parte das matrículas no país (veja abaixo). E, apesar do crescimento das federais, o país ainda tem apenas 1,4 doutor por mil habitantes, enquanto os EUA têm 8,4, e a Alemanha, 15,4.

Editoria de  
Arte/Folhapress



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> O Estado de São Paulo	<b>Editoria:</b> Vida	<b>Data:</b> 02/07/10
<b>Assunto:</b> Ensino médio fraco pode prejudicar economia		<b>Página:</b> A18

**Ensino médio fraco pode prejudicar economia**

Especialistas em educação ouvidos pelo Estado afirmam que o principal impacto do gargalo do ensino médio pode ser medido, a longo prazo, no mercado de trabalho, que pode sofrer com escassez de mão de obra de qualidade e profissionais mal preparados. "A qualidade do aprendizado se reflete na produtividade. Aprender pouco significa produzir pouco. Isso pode prejudicar a competitividade do Brasil com países que têm o ensino mais forte", afirma Naercio Menezes, economista da educação do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), antigo Ibmecc. De acordo com ele, a solução está no investimento em mais escolas técnicas, que ofereçam um ensino mais prático.

O crescimento entre 2007 e 2009 do Ideb no ensino médio foi considerado insuficiente pelos educadores. "O aumento de 0,1 pode ser avaliado como abaixo do que é sofrível. É insignificante. A maioria dos jovens que está saindo da escola está despreparada para exercer qualquer tipo de atividade que exija preparo intelectual", afirma Elisabeth da Fonseca Guimarães, professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

"O jovem, mesmo quando cursa (o ensino médio), não tem o passaporte mínimo para o mercado de trabalho. Temos uma sangria nessa etapa da educação", diz Wanda Aduan, superintendente do Instituto Unibanco e especialista em ensino médio. Para ela, falta foco no conteúdo do ensino médio.

O especialista em avaliação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Cipriano Carlos Luckesi, concorda. "Vem ocorrendo um esforço para melhorar o sistema nacional de ensino, desde que as avaliações começaram. Mas é preciso pensar o ensino médio com finalidade própria. Ao meu ver, ainda é uma etapa muito controversa, especialmente pelo foco atribuído ao vestibular", opina ele, que também acredita na criação de escolas técnicas como solução. Segundo Luckesi, o aumento do Ideb, de uma forma geral, decorre do maior conhecimento da realidade da educação e de investimentos na área.

"O Brasil avançou. Mas ainda falta muito, especialmente no que diz respeito à permanência e à qualidade do nosso ensino. Não adianta só crescer", afirma a especialista em avaliação da PUC-SP Sandra Acosta.



## CLIPPING

Veículo: G1	Editoria: Educação	Data: 04/07/10
Assunto: Jovem forma alunos para olimpíadas de educação em ..		Página: online

### **Jovem forma alunos para olimpíadas de educação em Santa Isabel, SP**

*Aos 18 anos, fundador do projeto ganhou bolsa para estudar nos EUA. Estudantes do cursinho são destaques nas competições. Marco Antonio começou a dar aulas quando tinha 16 anos*

Depois de descobrir o mundo das olimpíadas de educação e ganhar suas primeiras menções honrosas, Marco Antonio Lopes Pedroso, na época com 16 anos, resolveu criar em sua cidade natal, Santa Isabel (a 60 km de São Paulo), um projeto inédito: um cursinho especializado em formar alunos para participar de competições de matemática, física, astronomia e outras disciplinas. Marco Antonio e o irmão, com 14 anos, eram os professores. Formou-se então o Olímpicos de Santa Isabel, o OSI.

Não demorou muito para que viessem os primeiros prêmios do grupo inicial de 20 estudantes. Logo em 2008, ano da criação do OSI, quatro alunos do projeto levaram medalhas de bronze na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep).

Hoje, dois anos depois, o cursinho cresceu, ganhou fama, respeito e premiações. São mais de 150 alunos de ensino médio e fundamental - a maioria da rede pública - e oito professores com idades entre 16 e 22 anos. As aulas, gratuitas, ocorrem sempre aos sábados e domingos em uma escola emprestada pelo governo do estado.

A aluna Paloma Clementino Nascimento, de 15 anos, é uma das primeiras alunas do OSI. No currículo, ela possui menções honrosas da Obmep e um medalha de ouro da Olimpíada Brasileira de Astronomia (Oba), conquistada no ano passado. "O cursinho me ajudou demais. Na escola regular demoramos muito para ter contato com o conteúdo das olimpíadas porque é mais aprofundado, mais avançado. No OSI, como os professores são jovens não há diferença de linguagem e dá para aprender mais."



### CLIPPING

Veículo: Notícias do Dia	Editoria: Cidade	data: 2//07/10
Assunto: Educação		Página: 10

## Universidades adotam Enem como critério

**FLORIANÓPOLIS** - Apesar da fraude registrada nas provas do novo Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) em outubro do ano passado, quando o Ministério da Educação cancelou o exame devido ao vazamento do conteúdo, o processo deverá ser adotado por quase todas as universidades em Florianópolis da mesma forma como nos últimos vestibulares.

O IF-SC (Instituto Federal de Santa Catarina), que no ano passado destinou 20% de suas vagas para ingresso em cursos superiores, já divulgou que vai adotar a nota do Enem para ingresso em todos os cursos de graduação para o primeiro semestre de 2011.

Na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), o professor da Comissão Permanente do Vestibular, Julio Szeremeta, diz que apesar de ainda não ter nada confirmado, é possível que as notas do Enem sejam adotadas da mesma forma do que no ano passado, ou seja, quando os vestibulandos podem optar se querem utilizar ou não os 20% que vai valer na nota final. "Devemos ter certeza dessa porcentagem até a metade de julho", prevê.

Dentro do Sistema Acafe, o coordenador do vestibular da Univali (Universidade do Vale do Itajaí), Luis Ribeiro, informou que os vestibulandos poderão adotar a nota do Enem para classificação, mas a porcentagem depende do curso e do número de vagas disponíveis. Já a Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina) deverá considerar o exame só no vestibular de verão.

A inscrição para prestar o Enem pode ser feita pela internet, até o dia 9 de julho pelo site do Inep ([www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)).

SERVIÇO	O Exame
<input checked="" type="checkbox"/>	<b>O novo Enem</b>
<input checked="" type="checkbox"/>	Aborda diretamente o currículo do ensino médio. O exame é composto por perguntas objetivas em quatro áreas do conhecimento: linguagens, códigos e suas tecnologias (incluindo redação); ciências humanas e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias e matemáticas e suas tecnologias.
<input checked="" type="checkbox"/>	<b>Quem pode fazer</b>
<input checked="" type="checkbox"/>	Alunos concluintes do ensino médio;
<input checked="" type="checkbox"/>	Pessoas que terminaram este nível de ensino em anos anteriores, os chamados egressos, ainda podem realizar a prova.
<input checked="" type="checkbox"/>	Inscrições: Até o dia 9 de julho pelo site <a href="http://www.inep.gov.br">www.inep.gov.br</a> .



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Região	<b>data:</b> 3 e 4/07/10
<b>Assunto:</b> Ensino Superior		<b>Página:</b> 17

**Ensino superior.**

**Prioridade para quem vem de escolas públicas**

A FMP (Faculdade Municipal de Palhoça) tem 800 estudantes de graduação, a maioria vinda de escolas públicas. Além dos cursos de pedagogia e administração, a instituição oferece também a Faculdade da Maturidade, com alunos de mais de 50 anos. Recentemente, o estabelecimento conquistou nota máxima na avaliação do Conselho Estadual de Educação.

Durante os primeiros três anos a FMP, funcionou no prédio do Caic (Centro de Atenção Integral à Criança), no bairro Passa Vinte. No início do ano, a sede foi transferida para a Ponte do Imaruim. O edifi-

cio com 5 mil metros quadrados de área construída tem dois pavimentos e 38 salas de aula, laboratórios de informática, biblioteca, salas de vídeos e anfiteatro com capacidade para mil pessoas.

No final do ano, serão formadas as primeiras turmas dos cursos de administração e pedagogia. A diretora da instituição, Mariah do Nascimento Pereira, comemora as conquistas da FMP, e acredita que os passos dados no ano de 2010 foram fundamentais para o fortalecimento do projeto. "São quatro anos de história que já fazem a diferença na vida de muita gente", avalia.

**Nota máxima**

Para Mariah do Nascimento Pereira, o reconhecimento do Conselho Estadual de Educação, com a nota máxima para o curso de pedagogia, veio agregar valor aos esforços dos alunos e professores. "Estamos no mesmo patamar que as melhores universidades do Estado", diz. A meta da diretora é alcançar o mesmo padrão dos curso de administração da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) e UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Das cinco instituições que oferecem curso de pedagogia em Palhoça, apenas a Faculdade Municipal conquistou a nota quatro, enquanto as demais obtiveram conceito três.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Estado	<b>data:</b> 2//07/10
<b>Assunto:</b> Udesc faz seminário sobre gestão urbano		<b>Página:</b> 21

## Mobilidade. Udesc faz seminário sobre gestão urbana

**FLORIANÓPOLIS** - Na próxima segunda-feira e terça-feira, o Programa de Educação Tutorial de Geografia da Udesc (Universidade do Estado de Santa Catarina) promove o 1º Seminário de Geografia Urbana e o 2º Seminário Interuniversitário do Plano Diretor Participativo "Mobilidade e qualidade de vida".

Durante todo o dia de segunda-feira haverá mesas redondas no auditório da Reitoria da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Pela manhã, o debate reunirá os professores de arquitetura da UFSC Lino Peres e Arnoldo Debatin, além de Victor Khaled, do Movimento Passe Livre.

Outro que estará nas discussões é o engenheiro Lúcio Gregori, que foi secretário de Transportes entre

1990 e 1992, durante a gestão de Luiza Erundina (então no PT) na Prefeitura de São Paulo. Ele foi o idealizador da municipalização (gestão do sistema de transporte pela prefeitura e não pelas empresas) e da Tarifa Zero.

No período da tarde, participam da mesa redonda Jacqueline Virti (Serviço Nacional Aprendizagem do Transporte), Hélio Carvalho (Fórum da Cidade) e Carlos Roberto Vieira (arquiteto da UFSC). Na terça-feira, haverá minicursos, que ocorrerão das 8h às 12 horas na Faed (Faculdade de Educação) da Udesc.

Jacqueline Virti ministrará o curso "Participação popular no processo de qualificação do transporte público" e Lúcio Gregori "Transportes urbanos: uma questão política".



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Geral	<b>data:</b> 2/07/10
<b>Assunto:</b> UnGoverno retira projeto de lei do Legislativo		<b>Página:</b> 22

**Ensino.**

# Governo retira projeto de lei do Legislativo

**FLORIANÓPOLIS** - O governo do Estado vai retirar da Assembleia Legislativa o projeto de lei complementar 0014.2/2009, referente à municipalização do ensino fundamental. A decisão foi anunciada durante uma reunião do governador Leonel Pavan com representantes do Sinte (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina), realizada ontem.

**ANÚNCIO**

Decisão foi tomada durante uma reunião do governador com representantes do Sinte

“Estamos abrindo um canal de comunicação com os servidores da Educação e vamos analisar os pleitos com a atenção devida”, disse Leonel Pavan. O secretário de Estado da Coordenação e Articulação, Brivaldo Nunes Caetano Júnior, também esteve presente na reunião e afirmou que a ação demonstra a sensibilização do governo do Estado em relação aos temas da Educação.





CLIPPING

**Veículo:** Jornal de Santa Catarina

**Editoria:** Artigo

**Data:** 2/07/2010

**Assunto:** A formação de leitores

**Página:** 2

ARTIGO

**A formação de leitores**

Não acredito que uma criança não goste de ler. Se alguma delas ainda fala isso, é porque não foi estimulada. Ninguém ama aquilo que não conhece e nem dá o que não tem. Quando ela ainda está desenvolvendo sua capacidade de abstração, está se alfabetizando e incorporando modelos que lhe servirão para a vida toda. Por isso, a família deve ler para ela. Assim ela segue o exemplo. Já na escola, cabe ao professor/mediador promover a sua entrada no universo da leitura. A imaginação dela é seu passaporte para um mundo de fantasias.

Há mais de 20 anos desenvolvo atividades com leitura. Certa vez, uma professora me falou que um aluno seu não gostava de ler e que jamais havia se interessado por livros. Num destes momentos de leitura, resolvi ler uma história para o grupo. Enquanto outros ouviam, ele apenas ficava apático, isolado. Observei que ele desviava o olhar do livro que estava em minhas mãos. Eu gesticulava, ria e ele não se manifestava. De repente, ao mostrar uma das ilustrações, percebi que ele voltou seus olhos para o livro e continuou assim até o final da história. Perguntei aos alunos se queriam falar algo sobre o que ouviram. Muitos participaram. Então esperei para ver se mais alguém se manifestava. Para nossa surpresa, ele levantou a mão e disse: “Prô, volta naquela página.” Então perguntei o que tinha chamado a sua atenção. Ele me disse: “Aquela figura da lua...”

Este é o prazer da descoberta. Saber esperar o tempo certo de cada leitor principiante. Se ele fosse forçado a ler, a prestar atenção, e principalmente a responder perguntas com frases feitas, garanto que ele não teria coragem de se manifestar.

Nos contatos com professores, cuido para não apresentar a leitura como uma obrigação, mas como uma descoberta. É preciso paciência e respeito pelo tempo de cada um. Não basta criar o hábito da leitura, o empenho deve ser diário, criando o desejo da leitura por prazer, ampliando a concepção de mundo e desenvolvendo o senso crítico. A escola pode e deve ser um espaço de leitura, mas depende da forma como ela é oferecida à clientela.

MARIA DE FÁTIMA BAUMGÄRTNER|Professora



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Editoriais	<b>Data:</b> 04/07/10
<b>Assunto:</b> A festa do livro		<b>Página:</b> 16

**A festa do livro**

Aberta nesta sexta-feira, a 4ª Feira do Livro de Jaraguá do Sul, que se estende até o próximo dia 12, confirma a sua reputação como um dos mais significativos eventos do gênero em Santa Catarina, seja pela impecável organização, seja pela expressão dos escritores e intelectuais que costuma reunir como convidados especiais. Este ano, estão programadas palestras e encontros dos leitores com o escritor e historiador Laurentino Gomes, o escritor Moacyr Scliar, que integra a Academia Brasileira de Letras, e Maurício de Souza, ilustrador e autor de livros infantis, criador da turma da Mônica, entre outros. Na Praça Ângelo Piazero, estarão perfilados os estandes das mais expressivas editoras do país e das melhores livrarias, oferecendo os mais recentes lançamentos da indústria editorial dirigidos a todos os públicos. O encontro do livro com o público, em praça pública, é sempre um acontecimento importante, e digno de registro e aplauso, eis que um signo de civilização.

O Brasil sempre foi um país de leitores escassos. Aumentar o contingente de leitores, especialmente entre os jovens, é trabalhar para formar cidadãos melhores, mais críticos e participantes. E também para recuperar valores humanos e perenes da civilização que, em nosso tempo e condição, estão sendo desprezados por um tipo de sociedade materialista e violenta. Monteiro Lobato disse, certa feita, que abrir um livro equivale a acender uma luz para espantar trevas da ignorância

A 4ª Feira do Livro de Jaraguá do Sul, coordenada por Carlos Henrique Schroeder, a quem muito deve a cultura catarinense, vai ser um facho de luz, uma festa, um encontro marcado da cidadania com a leitura. Com o saber, que estabelece a diferença entre as sociedades bem-sucedidas e as condenadas ao atraso.



**CLIPPING**

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Informe Econômico	<b>Data:</b> 03/07/10
<b>Assunto:</b> Para empreender		<b>Página:</b> 18

**Para empreender**

Com a intenção de despertar o espírito empreendedor dos estudantes, a Escola Internacional de Florianópolis incluiu na sua grade curricular do ensino fundamental os programas de educação econômica desenvolvidos pela Junior Achievement. O primeiro foi o Nosso Planeta, Nossa Casa, com orientações sobre o consumo consciente (foto). Outros programas vão apresentar aos estudantes informações sobre comércio global e recursos necessários para desenvolver negócios.



### CLIPPING

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Cidade	<b>data:</b> 3 e 4/07/10
<b>Assunto:</b> União cede terreno para nova creche na Costeira		<b>Página:</b> 5

## União cede terreno para nova creche na Costeira

Uma parceria entre a Prefeitura de Florianópolis e a Secretaria do Patrimônio da União viabilizou a cessão pelo governo federal ao município de um terreno de 11.968 metros quadrados, às margens da Via Expressa Sul, na Rodovia Jorge Lacerda, Costeira do Pirajubaé. No local será construída o novo Núcleo de Educação Infantil Costeira. O contrato foi assinado pela superintendente do Patrimônio da União, Isolda Espíndola, e o prefeito Dário Berger (PMDB).

Desde 2005, a prefeitura vinha fazendo reformas na unidade atual. Mas há a necessidade, conforme o secretário municipal de Educação, Rodolfo Joaquim Pinto da Luz, de aumentar o

espaço do núcleo de educação infantil para melhor atender a comunidade da Costeira. Hoje, o núcleo atende em cinco salas um total de 175 crianças, de três a seis anos incompletos.

O prédio, com 1.118,76 metros quadrados, passará a abrigar dez salas de aula, o que permitirá que sejam matriculadas 400 crianças em tempo parcial. O projeto prevê ainda sala multiuso, refeitório, recepção, sala para direção e secretaria, almoxarifado, lavanderia, cozinha e despensa, pátio coberto, pátio externo e estacionamentos. Atualmente estão sendo executados os projetos complementares e na sequência a obra deverá ser licitada.

<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Cidade	<b>data:</b> 3 e 4/07/10
<b>Assunto:</b> União cede terreno para nova creche na Costeira		<b>Página:</b> 5

## Alunos voltam à creche após reforma geral

Os 180 alunos de dois a seis anos do Centro Infantil Criança Feliz, do bairro Rio Grande, finalmente voltaram para o prédio de onde saíram há mais de um ano, na rua José Antonio de Oliveira. Enquanto a demorada reforma acontecia, as crianças foram atendidas de maneira improvisada no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora Aparecida. O novo espaço tem 600 metros quadrados de área construída. O pátio recebeu uma grossa camada de brita para abrigar as brincadeiras ao ar livre. A reforma, que tinha previsão para 150 dias, ultrapassou 12 meses, e foi razão de muitas críticas dos pais das crianças. O antigo prédio funcionou por mais de 16 anos e os constantes alagamentos deixaram o espaço em situação precária.